



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

FERNANDA PACHECO DA SILVA

O suporte materno mediante ao abuso sexual infantil: um estudo da concepção das mães sobre a rede de atendimento.

ARIQUEMES - RO
2020

FERNANDA PACHECO DA SILVA

O suporte materno mediante ao abuso sexual infantil: um estudo da concepção das mães sobre a rede de atendimento.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao curso de graduação em Psicologia, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em: Psicologia.

Prof^a. Orientadora: Esp. Sara Ferreira Silva

Ariquemes - RO
2020

FERNANDA PACHECO DA SILVA

O suporte materno mediante ao abuso sexual infantil: um estudo da concepção das mães sobre a rede de atendimento.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em: Psicologia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Orientadora: Esp. Sara Ferreira Silva.
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

Prof^a. Ms. Jessica de Sousa Vale
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

Prof^a. Ms. Yesica Nunez Pumariega
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de
Catálogo na Publicação (CIP)
Biblioteca Júlio Bordignon –
FAEMA

SI586s

SILVA, Fernanda.

O suporte materno mediante ao abuso sexual infantil: um estudo da concepção das mães sobre a rede de atendimento. / por Fernanda Silva. Ariquemes: FAEMA, 2020.

29 p.

TCC (Graduação) - Bacharelado em Psicologia - Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA.

Orientador (a): Profa. Esp. Sara Ferreira Silva.

1. Abuso sexual infantil. 2. Apoio familiar. 3. Rede de atendimento. 4. Apoio psicossocial. 5. Violência sexual. I

CDD:150

Silva, Sara Ferreira. II. Título. III. FAEMA.

Bibliotecária Responsável

Herta Maria de
Açucena do N.
Soeiro CRB
1114/11

Dedico este trabalho a Deus e a minha família, que nunca mediram esforços para que este sonho tornasse possível.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus e a minha família que tenho sorte em ter.

Aos meus pais, Mauricio e Unelma por me proporcionarem tudo!

Ao meu marido Wellington e a sua família por todo o apoio e compreensão.

A professora Luana por ter iniciado esse estudo comigo e ter dado todo apoio necessário para desenvolvê-lo.

A professora Sara por ter me ajudado a dar continuidade a esse projeto, sendo totalmente compreensiva.

Aos professores Hanns-Muller, Carla Patrícia, Eliane Azevedo, Ana Cláudia que com a sua sabedoria proporcionou tamanho aprendizado ao longo desses 5 anos.

LISTA DE ABREVIATURAS

CRAS	Centro de Referência da Assistência Social
CREAS social	Centro de Referência Especializado de Assistência social
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FAEMA	Faculdade de Educação e Meio Ambiente

RESUMO

A violência sexual atinge todos os membros da família, as crianças são consideradas as principais vítimas, mas não se pode deixar de notar como é oferecido amparo para as mães das vítimas que também podem ser consideradas como vítimas secundárias, pois nesses casos as mães vivenciam uma gama de sentimentos que trazem consigo a dor, a revolta e a impotência. Quanto a metodologia, serão usadas pesquisas bibliográficas. Este estudo tem como propósito apresentar a concepção materna de crianças que sofreram abuso sexual infantil e pertenciam a rede de atendimento psicossocial que é oferecida pelo município.

Palavras chave: Mães de vítimas de violência sexual; abuso infantil; rede de atendimento; apoio psicossocial.

ABSTRACT

Sexual violence affects all family members, children are considered the main victims, but one cannot fail to notice how support is offered to the mothers of the victims who can also be considered as secondary victims, because in these cases the mothers experience a range of feelings that bring with them pain, anger and powerlessness. As for the methodology, bibliographical research will be used. The purpose of this study is to present the maternal conception of children who have suffered child sexual abuse and belonged to the psychosocial care network that is offered by the municipality.

Keywords: Mothers of victims of sexual violence; child abuse; network of care; psychosocial support.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
2.OBJETIVOS	11
2.1 OBJETIVO GERAL	11
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	11
3. MÉTODOLOGIA	12
4. REVISÃO DE LITERATURA	13
4.1. O CONTEXTO HISTÓRICO DO ABUSO SEXUAL INFANTIL.....	13
4.1.1 Mudanças históricas das práticas de cuidados e os violadores	14
4.2. OS IMPACTOS CAUSADOS NAS MÃES DA VÍTIMA DE ABUSO SEXUAL INFANTIL	17
4.2.1 Suporte para as mães na rede de atendimento municipal após o abuso sexual infantil	20
4.3. A PSICOLOGIA NO SUPORTE ÀS MÃES DE VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL INFANTIL	21
CONCLUSÃO	23
REFERÊNCIAS	25
ANEXO	28

INTRODUÇÃO

Há diferentes formas de violência e o abuso sexual está dentro deste contexto que pode ser caracterizado por todo o comportamento que tenha interesse sexual de um ou mais adultos em relação a uma criança ou adolescente, que pode acontecer no âmbito intrafamiliar – pessoas que tenham vínculos afetivos com a criança\adolescente, quanto no âmbito extrafamiliar – pessoas que não possuem parentesco com a criança\adolescente (FLORENTINO, 2015).

O abuso sexual como definido antes, pode ser compreendido como uma forma de incesto, que tem um longo período de duração e em grande parte pode ter o conhecimento de outros integrantes da família. Na cultura atual, o incesto é umas das formas de abuso sexual que mais acontece, sendo que em geral é o que tem mais consequências psíquicas extremamente danosas a vítima.

A violência sendo praticada desta forma, traz traumas incontestáveis para a criança, e desta forma há grandes chances de que a mãe também faça parte deste processo que pode ser dolorido para ambas as partes. Em geral, as mães são as primeiras pessoas a terem conhecimento sobre o abuso sexual e a maneira como elas lidam com a situação acaba influenciando o prognóstico da criança (DELL'AGLIO; MOURA, 2011).

Desta forma, as mães podem ter o sentimento de desamparo e confusão, onde necessitam de orientação e acompanhamento de um profissional capacitado. Os autores Dell'aglio e Moura (2011) retratam que muitas mães trazem em seus relatos que tiveram sentimento de impotência, pois não conseguiram proteger seus filhos do abuso sexual. Assim, pode ser visto em suas falas e expressões que há um sentimento de culpa, porque diversas vezes é relacionado o modelo de mãe complexo, onde não se tem espaço para falhas e quando ocorre acaba tendo sentimento de culpa e frustração.

Em face das situações expostas, é notável a importância de observação, cuidado, acolhimento e atenção a essas mães. Portanto, esse estudo tem como objetivo verificar qual o suporte que é oferecido pela rede do município as mães das vítimas que sofreram o abuso sexual infantil.

Diante do exposto, esta pretensão de pesquisa teve o objetivo principal de apresentar qual concepção as mães de crianças vítimas de abuso sexual infantil têm sobre o suporte da rede de atendimento psicossocial.

A metodologia proposta na pesquisa, optou-se por uma pesquisa bibliográfica utilizando ao todo 16 artigos científicos e um livro que foi publicado no ano de 1981.

O trabalho está organizado por capítulos: O primeiro caracterizado como o contexto histórico do abuso sexual infantil, capítulo este que foi subdividido em dois, o primeiro a produção da infância na constituição da modernidade, e os segundo mudanças históricas das práticas de cuidados e os violadores; o segundo capítulo intitulado os impactos causados nas mães da vítima de abuso sexual infantil, esse capítulo também teve uma divisão do capítulo suporte para as mães na rede de atendimento municipal após o abuso sexual infantil. Após a apresentação do referencial teórico, foram apontados os objetivos que nortearam a pesquisa e a metodologia utilizada. E por fim os apontamentos necessários nas considerações finais.

2.OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Apresentar qual concepção que mães de crianças vítimas de abuso sexual infantil tem sobre o suporte da rede de atendimento psicossocial.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discorrer o contexto histórico do abuso sexual infantil;
- Compreender os impactos causados nas mães da vítima de abuso sexual infantil;
- Apresentar o suporte que as mães recebem pela rede de atendimento municipal;
- Destacar a importância do profissional psicológico no suporte às mães de vítimas de abuso sexual infantil;

3. MÉTODOLOGIA

O presente trabalho se trata de uma pesquisa bibliográfica, que pode ser desenvolvida de um material já realizado que tem como principal fonte livros e artigos científicos, que se classifica como pesquisa exploratória tendo como objetivo proporcionar uma familiaridade maior com o problema tornando-o mais explícito, pesquisas que utilizam esse recurso acabam sendo bastante flexível, podendo considerar vários aspectos de estudo (GIL, 2002).

Os materiais utilizados na pesquisa foram de fontes digitais, tendo em vista que o estudo presa por materiais de confiabilidade e cientificidade.

Para revisão de literatura foram utilizados 16 artigos científicos e um livro cujo assuntos complementam a proposta de estudo desse trabalho, pesquisados nas bases de dados Scielo, Google acadêmico, UNESP, Pepsic.

As palavras chaves utilizadas foram abuso sexual infantil, mães, rede de atendimento, psicossocial, intrafamiliar. Os critérios de inclusão e exclusão de materiais encontrados, foram os que aludem sobre abuso sexual infantil, rede de atendimento e o suporte que as mães recebem, os materiais que não tratavam dessa temática foram descartados.

4. REVISÃO DE LITERATURA

4.1. O CONTEXTO HISTÓRICO DO ABUSO SEXUAL INFANTIL

O maior número de casos de violência contra crianças/adolescentes vinha de dentro de seus próprios lares. Entre os séculos XVI e XIX as crianças foram altamente torturadas e sofriam friamente maus-tratos até mesmo dentro de seus lares. Ao passar dos anos as crianças foram ganhando diversos significados, no século XV a figura da criança passou a representar ingenuidade e na década de 20 elas passaram a serem aceitas como parte da humanidade e assim passou-se a responsabilizar de tudo de mal que acontecia para família (MARTINS; JORGE, 2010).

No final da idade média que começou a ser construído um sentimento para a infância que antes era inexistente. As crianças eram consideradas pequenos adultos, na qual eram submetidos a todos os gostos de seus responsáveis, esta situação podia ser evidenciada claramente em obras de arte da época, pois as crianças eram retratadas como adultos em miniatura. Elas, que moravam juntamente com homens e mulheres, onde nada era escondido deles e eram vistos como objetos de diversão. Desta forma poderia estar exposta às sevícias sexuais de qualquer adulto (ARIÉS, 1981).

No ano de 1989, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), aprovado pelo Congresso Nacional em 30/06/89 e transformado na Lei nº 8069 em 13/06/1990, veio a se constituir no instrumento legal na garantia da cidadania de crianças e adolescentes. Com a implementação do ECA (instrumento único em toda a América Latina), a lei passa a dar prioridade absoluta à criança/adolescente por parte da família, da sociedade e do Estado, mudando a concepção de atendimento à criança e ao adolescente.

O conceito de infância é constituído junto com um conjunto de características dentro de um determinado momento histórico, tanto em uma situação econômica quanto em situações religiosas, intelectual e política de uma sociedade que se organizou a partir da Modernidade. Com isso pode ser entendido que a criança em si sempre existiu, mas a forma que ela é vista e entendida perante a sociedade foi produzida durante séculos (NASCIMENTO; CHRISTIANO, 2015).

Assim que foi intitulado o que é infância, foi lhe atribuído como uma característica da ordem natural do ser humano e criou-se uma separação entre

adultos e crianças cujo efeito é o estabelecimento de classes de pessoas. “E a família transformou-se profundamente na medida em que modificou suas relações internas com a criança” (ARIÈS, 1981, p.154).

4.1.1 Mudanças históricas das práticas de cuidados e os violadores

Dentro da mitologia e a filosofia eram relatados casos de infanticídio, abandono e aborto e essas práticas nesta época eram consideradas legais e comuns na antiguidade e no início da idade média, em nenhum momento o imperador Constantino decretou uma lei em que preservassem as crianças desses acontecimentos. Os pais tinham o direito de vender seus filhos em casos de miséria. (MARCÍLIO, 1998).

A igreja católica, que tinha maior poder perante a sociedade, a partir do século V, trouxe para a sociedade a ideia de que as famílias que tivessem mais condições econômicas, adotassem essas crianças que eram abandonadas por suas famílias, com esta forma de caridade eles poderiam alcançar a salvação (NASCIMENTO; CHRISTIANO, 2015). Na Europa, durante o século XII houve o crescimento de instituições de assistência para as crianças que eram abandonadas, como: albergarias, hospícios, asilos, mercearias e pequenos hospitais (MARCÍLIO, 1998).

Nas décadas antigas, era de grande recorrência acontecer maus-tratos com crianças, algumas assim que nasciam já eram descartadas, pois haviam defeitos físicos¹ entre outros motivos como: religiosos, equilíbrio de sexos, como medidas econômicas, pois quando faziam longas caminhadas e as crianças não aguentavam mais andar elas eram deixadas para trás para morrerem ou mortas. Entretanto o pai tinha o direito de escolher se o seu filho teria o direito de viver ou não (MARCÍLIO, 1998).

Especificamente em relação à violência o Art. 5º da lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (ECA, 1990).

¹ Termos estes descritos pelos autores, descartes, defeitos físicos

Pensando em toda esta trajetória de violência que crianças e adolescentes sofreram durante séculos e cada uma trazia uma forma de maus-tratos que eram extremamente severos, que causavam danos tanto físicos quanto psicológicos, pois em um lugar onde deveria ser retratado o amor e a proteção para essas crianças, tinham cenários de dor e sofrimento. Mas, também deve ser levado em conta que esses atos já estavam inseridos em sua cultura, desta forma de alguma maneira poderia ser considerado como “normal” para aquela determinada região.

Com a formação da família moderna, que se constitui em pai, mãe e filhos que a criança passou a ser vista como figura central. Sendo assim, depois da modernização a criança foi vista como um indivíduo que necessita de proteção e cuidados da sua família. De acordo com Ariès (1981) a partir do século XVIII a família se ampliou a todas as camadas sociais:

A família moderna, ao contrário, separa-se do mundo e opõe à sociedade o grupo solitário dos pais e filhos. Toda a energia do grupo é consumida na promoção das crianças, cada uma em particular, e sem nenhuma ambição coletiva: as crianças, mais do que a família. (ARIÈS, 1981, p.271).

Dentro do contexto moderno toda a atenção que lhe é cedida a criança pode ser por influência do capitalismo, onde a família nuclear é um espaço no qual os micropoderes das relações de forças cotidianas acontecem. Desta forma a criança acaba tendo um lugar privilegiado, à medida que se torna o ícone do progresso e do futuro da família e da sociedade como um todo (NASCIMENTO; CHRISTIANO, 2015 Apud. Foucault, 1997).

A partir do século XV, foi desenvolvido o sentimento de família onde se tinha interesses pela criança e depois do século XVII começou a ser privado às crianças os assuntos e brincadeiras sexuais, onde até o presente momento eram atos normais perante a sociedade da época. Até o início do século XVII os adultos não tinham o cuidado que se tem nos dias de hoje relacionado a assuntos sexuais, onde naquela época podiam ser tocadas as partes íntimas ou até mesmo fazer brincadeiras com os órgãos genitais da criança, tanto os pais quando os criados tinham essa liberdade. (NASCIMENTO; CHRISTIANO, 2015).

Não se tinham leis que impedissem esses comportamentos, as crianças eram consideradas como objetos de prazer dos adultos. Com isso, pode ser visto que se acreditavam que a criança era alheia e indiferente a sexualidade e também tendo outra

hipótese de que não se tinham o sentimento de infância e nem precisavam preservá-lo, a ideia de que a criança é um ser inocente só foi construída com o passar dos tempos até chegar a era moderna (ARIÉS, 1981).

O abuso sexual é uma forma de violência que é feito contra crianças e adolescentes e se tem também como exemplo a exploração, maus-tratos, torturas, negligências etc. O abuso sexual terá uma definição de acordo com a perspectiva teórica e metodológica, assim tornando um campo de estudo complexo e um desenvolvimento difuso.

Se tem diversos pontos de vista a respeito do abuso sexual, alguns deles são: normativos que traz com si a imaturidade e a dependência das crianças/adolescentes, a violação dos tabus sociais e do papel familiar. Há também a perspectiva da saúde que é colocado em primeiro plano os danos primários e secundários que são causados no desenvolvimento das vítimas. Na área judiciária o abuso sexual pode ser visto como um ato sexual onde se tem uso de poder (abusador) em cima da vulnerabilidade da criança/adolescente (PAIXÃO, 2011).

Os autores Habigzang e Caminha (2004) caracterizam o abuso sexual em duas contrapartidas que é a extrafamiliar e a intrafamiliar. Os abusos extrafamiliares podem ser entendidos como uma relação mercantilizada envolvendo a pornografia infantil, o estupro envolvendo uma pessoa conhecida ou menos conhecida. O abuso intrafamiliar ocorre dentro da própria casa, pois o abusador é alguém ligado a vítima. O abusador pode ter laços consanguíneos com a vítima ou não ter nenhuma forma de parentesco, mas que tenha de alguma forma um certo convívio com a vítima.

No abuso sexual intrafamiliar pode ser observado uma violação do tabu, o tabu do incesto, onde é vedada a relação entre membros da mesma família que inclui: pai, mãe, irmãos, avós, meios irmãos também se encaixa madrastas e padrastos. De acordo com Paixão (2011), este tipo de abuso são os que causam mais danos graves as vítimas, prejudicando a estruturação e desenvolvimento psíquico, pois estabelece uma assimetria relacional na qual a criança ou o adolescente encontra dificuldades ou impossibilidades de defesa, gera a confusão de papéis e a quebra de limites dentro da família.

O abuso sexual em crianças e adolescentes é um problema complexo, envolvendo teias de relações familiares e um conjunto de aspectos que perpassam as relações sociais, por exemplo: o patriarcado, dominação, violência, poder. O abuso

de acordo com alguns fatores pode ser considerado como um problema de saúde pública com alta incidência, repercussões sociais, e psicológicas, a curto e longo prazo.

Em todos os países, independente de classes sociais e etnias acontece algum caso de abuso sexual infantil, trazendo grandes danos não só para a vítima, mas também para toda a sua família. A vítima pode desenvolver consequências adversas ao desenvolvimento, tanto físicas quanto comportamentais, afetivas de aprendizagem ou psicopatológicas (PAIXÃO, 2011).

Pode ser visto mundialmente que a maioria das violências contra a criança, ocorrem dentro do ambiente intrafamiliar, geralmente o abuso é praticado por parentes próximos a vítima, como também por vizinhos, amigos da família, ou seja, são pessoas que convivem diariamente com a vítima, com isso, acaba sendo mais difícil a denúncia (CARVALHO, *et al.*, 2009).

4.2. OS IMPACTOS CAUSADOS NAS MÃES DA VÍTIMA DE ABUSO SEXUAL INFANTIL

Desde sempre a mulher/mãe teve um papel primordial dentro do contexto familiar e deve sempre trazer consigo o bem-estar das crianças e dos adolescentes. Quando é retratado o abuso sexual dentro da família a mãe também deve ser considerada como uma vítima secundária, pois a criança/adolescente recorre a ela para relatar sobre o acontecimento.

Desta forma, a figura materna tem grande importância, pois provavelmente ela será a primeira pessoa a procurar ajuda e relatar as primeiras informações sobre o abuso sexual, e também trará o primeiro amparo e ajuda a criança/adolescente para que consiga lidar com as repercussões sobre o abuso sexual.

Quando passam a ter o conhecimento a respeito do abuso sofrido por seus filhos, algumas mães apresentam quadros de depressão, ansiedade ou transtorno de estresse pós-traumático. Mulheres/mães que tiveram um passado onde ocorriam abusos sexuais, podem demonstrar maior sofrimento em relação ao abuso de seus filhos, mas também algumas vezes trazem consigo mecanismos dissociativos e evitativos como estratégia para lidar com os sentimentos dolorosos que emergem ou

podem tomar para si o propósito de agir diferente de suas mães e romper o ciclo de transmissão da violência (DELL'AGLIO; SANTOS, 2009).

Dentro de todo o contexto familiar em que essa mãe foi inserida, talvez ela não consiga lidar de forma correta com a situação do abuso sexual que está acontecendo com a criança/adolescente, mas mesmo assim é possível notar algumas mudanças em seu comportamento, sendo elas: a busca de ajuda fora do universo familiar, fazendo com que seja verídica a fala da criança/adolescente; a tentativa de separar de seu companheiro para que possa proteger o seu filho de uma possível repetição da violência; e essa mulher/mãe conseguir compartilhar o seu caso de abuso sexual sem ter o peso da culpa ou ficar tentando se punir.

Segundo Lima e Alberto (2012) entre os sentimentos iniciais vivenciados pelas mães, nos casos de abuso sexual intrafamiliar, encontra-se uma confusão diante da suspeita ou constatação de que o companheiro de fato está cometendo o abuso, e frente aos sentimentos ambivalentes desenvolvidos em relação ao filho (a). Ao mesmo tempo em que sente raiva e ciúme, atribui a si a culpa por não os proteger. Na verdade, a mãe é igualmente vítima da violência familiar.

Em relação as consequências do abuso sexual infantil para essas mães, pode ser visto que há uma dificuldade em manter o vínculo com o autor da violência, tendo mais resistência em confiar em outras pessoas geralmente uma pessoa do sexo oposto, podendo desenvolver sentimento de vulnerabilidade e medo diante de qualquer pessoa.

Pode ser visto que essas mães foram constituídas no decorrer de sua vida, mas que muitas vezes são impedidas de tomarem decisões baseadas em sua construção, onde essa mulher/mãe é inserida em um mundo em que ela fica responsável pelo cuidado, a manutenção do equilíbrio familiar e a proteção dos filhos, desde as mais antigas formações familiares.

Pode ser visto mundialmente que a maioria das violências contra a criança, ocorrem dentro do ambiente intrafamiliar, o abuso acontece em sua grande maioria por parentes próximos a vítima, como também pode ser vizinhos, amigos da família, ou seja, são pessoas que convivem diariamente com a vítima, com isso, acaba sendo mais difícil a denúncia (CARVALHO, *et al.*, 2009).

Desta forma, acaba sendo embaraçoso a situação para a criança, pois os membros da família deveriam ser um porto seguro e depois que acontece o ato do

abuso, acaba gerando na cabeça da vítima medo, conflitos e incertezas entre o que é certo e o que poderia estar acontecendo naquele momento. Devido a criança não ter um preparo psicológico ou por não ter uma certa noção ética e moral da atividade sexual, se tem quase certeza que acabará desenvolvendo problemas emocionais por não ter habilidade diante desse tipo de estimulação.

Segundo Carvalho (*et al*, 2009) Dentro do contexto familiar, a mãe, é a pessoa mais próxima da criança, onde deveria estar sempre “ligada” aos sinais de um abuso sexual, mas por processos inconscientes, determinados pela própria história de vida, acaba negando as evidências que muitas vezes são visíveis aos olhos. Mas não deve-se crucificar a mãe e sim achar formas para que haja uma compreensão da dinâmica familiar na qual a criança estava sendo inserida.

Dessa forma, não é apenas a criança que necessita de cuidados, mas a mãe e toda a família da vítima, precisaram de uma atenção psicossocial, pois acabam se desestabilizando emocionalmente e para que também consigam lidar com os julgamentos sociais que poderão surgir.

Segundo Dell’aglio e Santos (2008, p. 599) *apud* Araújo (2002), os casos de abuso sexual intrafamiliar, muitas mães não acreditam quando a criança relata o ocorrido ou simplesmente punem a criança pelo acontecido, assim pode ser observado o desmantelamento da unidade familiar e conjugal. Na maioria dos casos as denúncias são feitas pelas mães. Porém, quando há a negação por parte da mãe, pode ser notado que se tem uma cumplicidade com o agressor, em diversas vezes acontece com casais que tem conflitos sexuais.

Quando se tem o conhecimento certo que a criança sofreu o abuso sexual, as mães apontam sintomas psicológicos como: depressão, ansiedade e transtorno de estresse pós-traumático (TETP). Sendo assim, é de grande importância que se tenha um moderador diante desta situação que seria a rede de apoio social que dispõe reforço e estratégias de enfrentamento e um ambiente acolhedor. (DELL’AGLIO; SANTOS, 2008).

4.2.1 Suporte para as mães na rede de atendimento municipal após o abuso sexual infantil

A família tem um papel de suma importância perante a revelação do abuso sexual de crianças/adolescentes. A partir do momento que se é revelado o abuso sexual, as famílias podem ter atitudes de proteção e outras de culpabilização. Quando se tem o sentimento de proteção diante da criança que foi abusada, o pai acaba se tornando rígido e controlador perante a criança/adolescente e a mãe passa a ter atitudes de maior proteção e cuidado com a criança/adolescente (PAIXÃO, 2011).

Vendo que há diferentes reações e que tudo pode ser um mix de sentimentos para a família e para a criança/adolescente, não se pode deixar de lado que muitas vezes a própria família pode culpar a vítima pelo ato, onde não acredita na história que está sendo contada e desta forma pode causar um dano secundário nesta vítima. Desta maneira, essas crianças/adolescentes podem levar mais tempo para dizer o que está acontecendo por não saber como seus pais irão reagir diante de tal situação. (PAIXÃO, 2011).

Desta forma quando se está dentro de um centro de assistência social o psicólogo deve acolher a criança, para que ela se sinta em um ambiente seguro e possa notar que lhe é oferecida atenção e credibilidade por parte do profissional e assim, consiga relatar o seu caso. Quando a vítima é bem acolhida ela pode deixar transparecer seus sentimentos reais e detalhes vividos em sua experiência (VOSS; XAVIER, 2016).

Sob o mesmo ponto de vista, o psicólogo se faz fundamental, pois, necessita-se de uma postura profissional e é exigido que estabeleça uma relação de confiança e respeito com quem for ser entrevistado. Onde o processo deve ser desenvolvido de acordo com as necessidades de cada vítima, para que aja uma redução de sequelas sofridas pela vítima e a família (VOSS; XAVIER, 2016).

A ação de denunciar o abusador, não é nada fácil, para a mãe e nem para a vítima, mas para facilitar esse procedimento, existem redes de atendimentos que estão preparadas para oferecer um suporte e auxiliar em como proceder nesta situação, como: conselho tutelar, delegacia de polícia ou CREAS/CRAS da região.

4.3. A PSICOLOGIA NO SUPORTE ÀS MÃES DE VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL INFANTIL

O CREAS tem grande importância no atendimento a crianças, adolescentes e a suas famílias, onde buscam a minimização dos danos e ajuda no enfrentamento da situação vivida. O serviço prestado pela rede de atendimento é imprescindível para a vítima e a sua família, pois são utilizadas intervenções através dos recursos técnicos da psicologia e da assistência social, onde possibilitam a acessar conflitos gerados pela violência e auxilia a família a se reorganizar frente a situação gerada pela violência (FARAJ, SIQUEIRA, ARPINI, 2016).

Esses espaços que são utilizados para atender as demandas dos casos de violência permite através do acolhimento e atendimento, o fortalecimento dos vínculos, desenvolver estratégias de enfrentamento, fortalecimento de vínculos e obter proteção a vítima e aos familiares. É importante que seja oferecido atendimento aos pais/responsáveis para que as questões referentes a violência sejam resolvidas e superadas.

De acordo com Faraj, Siqueira e Arpini (2016) é importante que as mães também possam receber atendimento, pois em diversos casos elas apresentam sentimento de impotência por não conseguirem proteger a criança, sentem culpa, ambivalência, mas dentro dessas redes de atendimento o foco maior da atenção são para as crianças que são vítimas. O cuidado e as orientações repassadas as mães refletem no tratamento das crianças.

Desta forma vendo as necessidades dessas mães o psicólogo pode trabalhar intervenções que possibilitem ver sentimentos relacionados com a descoberta do abuso e pode reforçar para as mães a decisão de denunciar o abuso e que essa atitude possa trazer consequências positivas, é de grande valia que essas mães sejam orientadas sobre como deverá agir desse momento para frente em relação ao encaminhamentos e tramites no sistema judiciário (DELL'AGLIO Et.al, 2011).

Quando se propõe uma intervenção para essas mães é necessário levar em conta que essas famílias lidam com diversos problemas além do abuso sexual dos seus filhos(as), por isso as estratégias devem auxiliar suas habilidades de apoio as crianças. Em alguns casos no processo é comum que as mães não acreditem ou não demonstre nenhuma reação, mas é necessário que ela seja mantida no

processo terapêutico, porque, em alguns casos elas são responsáveis por levar a criança no atendimento (DELL'AGLIO Et.al, 2011)

CONCLUSÃO

Com esta pesquisa foi possível perceber o quanto é impactante e difícil para a mãe lidar quando seu filho sofre um abuso sexual infantil, onde surgem vários sentimentos de angústia e medo, pois não sabem como ajudar seu filho, e muitas vezes a si mesma. Desta forma é muito importante que essa mãe e a vítima procurem ajuda de pessoas que possam realmente ajudar a compreender todo esse processo que estão vivendo, para que assim possa ocorrer uma ressignificação do sofrimento de ambas as partes.

O objetivo dessa pesquisa foi apresentar qual concepção que mães de crianças vítimas de abuso sexual infantil tem sobre o suporte da rede de atendimento psicossocial, pois em diversos momentos essas mães não sabem que tem direito a esse apoio que pode ser ofertado pelo seu município, tendo muitas vezes uma equipe multidisciplinar que pode ajudar tanto a mãe quanto a criança que foi a vítima.

Desta forma pode ser observado que quando ocorre um caso de abuso sexual infantil dentro da dinâmica familiar, tende a ter alterações no ambiente familiar até mesmo na rotina, onde a mãe acaba dando mais atenção ao filho(a) e tem mais paciência com a criança, pois esse momento é bastante delicado para a família. Com a pesquisa bibliográfica foi possível observar que existem mudanças positivas e negativas onde algumas mães acolhem e acreditam na criança e outras que acabam não acreditando e apoiando o agressor.

Sendo assim é muito importante que essas mães que tenham um amparo da rede de atendimento para que uma equipe possa auxiliá-la a passar por esse momento surgem várias dúvidas, receios, inseguranças, medo que tenha julgamentos de outras pessoas e por isso essas mães recebam atendimento psicológico para lidarem com essa situação da melhor forma e consigam ajudar seu filho(a) a passar pelo mesmo processo sem julgamentos.

Como já apresentado antes, é relevante que o psicólogo esteja atualizado para orientar, ajudar a compreender, entender e trazer sentimentos presentes para que sejam elaborados nessas mães. Podendo elucidar e atuar diretamente nas

expectativas, desejos e sentimentos. Facilitando o processo de adaptação, fortalecer a autoestima, esperança e os desejos de mudança.

Portanto, é possível afirmar que a dimensão do impacto do abuso sexual infantil abrange numerosos aspectos, mobilizando os pais e familiares, alterando a rotina, adaptação de planos futuros, possibilidade de gerar conflito conjugal, convívio familiar e psicológico.

Desta forma essa pesquisa se fez necessário para mostrar que as mães que tem filhos(as) que sofreram abuso sexual precisam ser ouvidas, e mais ainda, serem acolhidas em suas angustias e medos, pois são elas que diretamente estão frente a um turbilhão de mudanças tanto na rotina familiar, como no convívio social. Portanto profissionais de saúde, como médicos e psicólogos, precisam estar aptos a acolher esses relatos, como também auxiliá-los nas demandas que sejam encontradas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria de Fátima. **Violência e abuso sexual na família**. Psicologia em estudo, p. 3-11, 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722002000200002.

Acesso em: 22 jun. 2020.

ARÍES, P. (1981). **História Social da Criança e da Família**. Trad. Dora Flsksman. 2ed. Rio de Janeiro: LTC. Disponível em: <http://files.grupo-educacional-vanguard8.webnode.com/200000024-07a9b08a40/Livro%20PHILIPPE-ARIES-Historia-social-da-crianca-e-da-familia.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2020.

DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; MOURA, Andreína; DOS SANTOS, Samara Silva. **Atendimento a mães de vítimas de abuso sexual e abusadores: considerações teóricas e práticas**. Psicologia Clínica, v. 23, n. 2, p. 53-73, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2910/291022027005.pdf>. Acesso em: 03 set. 2020.

FARAJ, Suane Pastoriza; SIQUEIRA, Aline Cardoso; ARPINI, Dorian Mônica. **O atendimento psicológico no Centro de Referência Especializado da Assistência Social e a visão de operadores do direito e conselheiros tutelares**. Estudos de Psicologia (Campinas), v. 33, n. 4, p. 757-766, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2016000400757&script=sci_arttext. Acesso em: 03 set. 2020.

FLORENTINO, Bruno Ricardo Bérghamo. **As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes**. Fractal: Revista de Psicologia, v. 27, n. 2, p. 139-144, 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S198402922015000200139&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 19 jun. 2020.

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=0XLTDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=P_T3&dq=FOUCAULT,+Michel.+Resumo+dos+cursos+do+Coll%C3%A8ge+de+France+\(19701982\).+Rio+de+Janeiro:+Jorge+Zahar,+1997.an.+2ed.+Rio+de+Janeiro:+LT](https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=0XLTDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=P_T3&dq=FOUCAULT,+Michel.+Resumo+dos+cursos+do+Coll%C3%A8ge+de+France+(19701982).+Rio+de+Janeiro:+Jorge+Zahar,+1997.an.+2ed.+Rio+de+Janeiro:+LT)

[C.+&ots=o_x3f25HnE&sig=I1POHD6Y49r4g9penmXa6PQi4PQ#v=onepage&q&f=false](#). Acesso em: 24 jun. 2020.

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/31031805/9482_lista_de_revisao_1%C2%BA_bimestre_com_respostas_direito.pdf?1364236988=&responsecontentdisposition=inlinene%3B+filename%3DComo_elaborar_projetos_de_pesquisa.pdf&Expires=1599161243&Signature=QHq3k9wnNE1Wkq6bGI8zoF11ATft75oAzeJd11qOFkqtjRXhkG~nKL R~tLjM5BIAevtSTM~Ga1~sr4lvNvqu5O2uOFbbLjp78iQu2sErqySqljrhIvolrta9PHoNdLyFvQhdyGz3~FoyzyQzVllyLcPNDRPZWYRRH63R8HnAibp1Hv~dYjFGhDIDm0ZWfMfwSVxRjDyuSb2jgdBasGW5MGLLeonDwj8jcY1e4OgS9EN0UzX~2e1Er74uAJOw0mfCBzQafxdfkhlQoUPULqBwbOnxiGIR3k~rZwDcPC2rb39JLhf6BjkJDEWBtEla9wBtirvWI6Sig68xiwhJkkUw_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 01 nov. 2020.

HABIGZANG, L. F., CAMINHA, R.M. **Abuso sexual contra crianças e adolescentes: Conceituação e intervenção clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722005000300011&script=sci_abstract&tlng=es. Acesso em: 15 jul. 2020.

Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 15 jul. 2020.

LIMA, Joana Azevêdo; ALBERTO, Maria de Fátima Pereira. **Abuso sexual intrafamiliar: as mães diante da vitimação das filhas**. *Psicologia & Sociedade*, v. 24, n. 2, p. 412-420, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n2/18.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História social da criança abandonada**. São Paulo: Editora Hucitec, 1998. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01881999000100014&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em 15 jul. 2020.

MARTINS, Christine Baccarat de Godoy; JORGE, Maria Helena Prado de Mello. **Maus-tratos infantis: um resgate da história e das políticas de proteção**. Acta

Paulista de Enfermagem, v. 23, n. 3, p. 417-422, 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S010321002010000300018&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 16 jul. 2020.

NASCIMENTO, Francielle Pereira. CHRISTIANO, Ana Priscilla. **A produção histórica da violência sexual contra crianças**. 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19591_9877.pdf. Acesso em: 16 jul. 2020.

OLIVEIRA, Ione Sampaio. **Trajetória histórica do abuso sexual contra criança e adolescente**. 2006. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/123456789/2879>. Acesso em: 16 jul. 2020.

PAIXÃO, Gláucia Pereira da et al. **Violência sexual e rede de atendimento: o olhar dos profissionais do CREAS**. 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6922>. Acesso em: 20 jul. 2020.

SANTOS, Samara Silva dos; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. **Compreendendo as mães de crianças vítimas de abuso sexual: ciclos de violência**. Estudos de Psicologia (Campinas), v. 25, n. 4, p. 595-606, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2008000400014&script=sci_arttext. Acesso em: 13 jun. 2020.

XAVIER, Bruna Gomes; VOSS, Hellynn Christine; SAGAZ, Valéria Rossi. **O papel da família de crianças vítimas de violência que frequentam o creas-aconchego**. Trabalhos de Conclusão de Curso-Faculdade Sant'ana, 2016. Disponível em: <https://iessa.edu.br/revista/index.php/tcc/article/view/92>. Acesso em: 20 jul. 2020.

ANEXO



RELATÓRIO DE VERIFICAÇÃO DE PLÁGIO

DISCENTE: Fernanda Pacheco da Silva

CURSO: Psicologia

DATA DE ANÁLISE: 04.09.2020

RESULTADO DA ANÁLISE

Estatísticas

Suspeitas na Internet: **9,8%**

Percentual do texto com expressões localizadas na internet ⚠

Suspeitas confirmadas: **5,9%**

Confirmada existência dos trechos suspeitos nos endereços encontrados ⚠

Texto analisado: **96,15%**

Percentual do texto efetivamente analisado (frases curtas, caracteres especiais, texto quebrado não são analisados).

Sucesso da análise: **100%**

Percentual das pesquisas com sucesso, indica a qualidade da análise, quanto maior, melhor.

Analisado por Plagius - Detector de Plágio 2.4.11
sexta-feira, 4 de setembro de 2020 09:59

PARECER FINAL

Declaro para devidos fins, que o trabalho da discente **FERNANDA PACHECO DA SILVA**, n. de matrícula **21378**, do curso de Psicologia, foi **APROVADO** na verificação de plágio, com porcentagem conferida em 9,8%. Devendo a aluna fazer as correções que se fizerem necessárias.

(assinado eletronicamente)
HERTA MARIA DE AÇUCENA DO N. SOEIRO
Bibliotecária CRB 1114/11
Biblioteca Júlio Bordignon
Faculdade de Educação e Meio Ambiente